

MORTES DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: MILITAR (1965) E CIVIL (1998)

José Maria Filardo Bassalo

Departamento de Física
Centro de Ciências Exatas e Naturais
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Campus Universitário do Guamá
66075-900 - Belém, Pará, Brasil
www.amazon.com.br/bassalo

Durante os meus mais de 37 anos de estudo e ensino universitários presenciei a morte de duas universidades brasileiras: a da *Universidade de Brasília (UnB)*, em 1965 (**militar**), e a da *Universidade Federal do Pará (UFPA)*, que aconteceu neste ano de 1998 (**civil**). Neste artigo, vou contar a história (e estórias) dessas duas mortes.

O **Movimento Militar** que ocorreu no Brasil, em 1964, tinha a idéia fixa de que as universidades públicas brasileiras estavam cheias de comunistas e que, portanto, deveriam ser exorcizadas desses “demônios vermelhos comedores de crianças”. Para isso, foram criados os fatídicos **Inquéritos Policiais Militares (IPMs)**. Aqui, na UFPA, vários professores foram vítimas desses IPMs, o que resultou em suas aposentadorias compulsórias. Contudo, essa é uma outra história que será contada futuramente, pois foge ao escopo deste artigo.

Vamos, inicialmente, ao caso da *morte militar* da Universidade de Brasília (UnB). Em 1965, encontrava-me nessa Universidade fazendo o Bacharelado em Física, junto com outros paraenses: Antônio Fernando dos Santos Penna, Antônio Gomes de Oliveira, Carlos Alberto da Silva Lima, José Augusto Dias, Luís Fernando da Silva e Marcelo Otávio Caminha Gomes. (Registre-se que além desses paraenses, o também amapaense-paraense, Manoel Viégas Campbell Moutinho fazia o Bacharelado em Matemática naquela Universidade.) Pois bem, em virtude do IPM instalado na UnB, o então Reitor, professor Zeferino Vaz, começou a receber intimações do Palácio do Planalto, cujo dirigente máximo era o *general-presidente* Castelo Branco, para demitir alguns de seus professores por serem considerados *vermelhos*.

Para examinar essas intimações, o Reitor Zeferino reuniu professores e alunos para discuti-las. Como a grande maioria dos presentes a essa reunião foi contra a atitude insólita do *general-presidente*, o professor Zeferino acatou a decisão do plenário e resolveu não mexer no corpo docente da UnB. Em virtude disso, ele foi substituído pelo professor Laerte Ramos de Carvalho, da Universidade de São Paulo, que começou logo ameaçando demitir alguns professores *vermelhos* da UnB. Em resposta a essa atitude, os Coordenadores dos Institutos da UnB, depois de várias reuniões, apresentaram seus pedidos de demissão, seguidos da adesão de vários professores, perfazendo o total de 223. Em solidariedade a esse ato, o corpo discente resolveu deflagrar uma greve, em caráter indeterminado, o que ocasionou a ocupação do Campus da UnB pelos militares.

Desse episódio, registro alguns fatos inusitados. Um certo dia, o professor Roberto Aureliano Salmeron, Diretor do Instituto Central de Ciências da UnB, entrou risonho no prédio desse Instituto. Eu, e alguns colegas, seus alunos (o professor Salmeron nos ensinava a disciplina **Física Nuclear**), fomos até a sua sala e perguntamos a razão de seu riso. Ele nos falou, ainda sorrindo: “Imaginem que o Laerte (Reitor) está todo eufórico, pois tem recebido telegramas de professores das grandes universidades do mundo solidarizando-se com ele”. O motivo do riso do professor Salmeron devia-se ao equívoco dessa solidariedade. Esses professores estrangeiros, ao decidirem se solidarizar com o Reitor da UnB, certamente acreditavam que o mesmo deveria estar defendendo os professores brasileiros, vítimas da ação militar. Era inconcebível, para eles, que o próprio Reitor da UnB estivesse realizando as demissões.

O segundo fato inusitado relacionado com o episódio *Planalto versus UnB*, refere-se à entrada de professores, alunos e funcionários no Campus da UnB. Como este havia sido ocupado pelos militares, aquelas pessoas só tinham acesso ao Campus mediante a apresentação de um passê assinado por um militar. (Ainda guardo em meus arquivos, o meu passê.)

O terceiro fato, relaciona-se com a ocasião em que ocorreu a ocupação militar do Campus. Ao entrarem em uma das salas onde os estudantes estavam reunidos, encontraram um deles manuseando uma Tábua de Logarítimos, um livro que só contém números, e que serve para fazer uma série de cálculos algébricos e geométricos. Como o militar comandante da ação não a conhecia, recolheu-a como prova de um código secreto, provavelmente, de origem *vermelha*. (Aliás, uma situação semelhante a essa ocorreu na Universidade de São Paulo, por ocasião da ocupação militar do *Conjunto Residencial da USP - CRUSP*, em 17 de dezembro de 1968. Um militar recolheu, do quarto de um estudante, o livro

Le Rouge et le Noir (O Vermelho e o Negro), do escritor francês Stendhal, publicado em 1830, por achá-lo subversivo!)

Como último fato inusitado da *morte militar* da UnB quero relatar a célebre reunião que ocorreu no Campus da UnB, no dia 19 de outubro de 1965, e que resultou na demissão voluntária de 223 professores conforme já mencionei. Depois de ameaçar demitir alguns professores considerados subversivos (*vermelhos*), o Reitor Laerte finalmente concretizou essa ameaça através de uma nota entregue à Imprensa brasiliense na qual anunciava a demissão de 15 professores, dentre os quais, lembro-me que estavam incluídos o filósofo e sociólogo Antônio Luís Machado Neto e o antropólogo Roberto de Las Casas. Em vista dessa ameaça, professores e alunos resolveram estancar o processo de demissão. Assim, numa reunião ocorrida naquele dia 19, no Anfiteatro do Curso de Arquitetura, que começou às 20:00 horas da noite e terminou às seis da manhã do dia seguinte, resolveram então concretizar a demissão que haviam pedido em conjunto, em caráter irrevogável. Desse modo, os militares mataram a UnB – a **utópica** Universidade de Darcy Ribeiro. (Aproveito a oportunidade para registrar que o professor Salmeron escreveu o livro intitulado **A Universidade Interrompida: Brasília 1964-1965**, que está sendo editado pela Editora da Universidade de Brasília, no qual registra todos os acontecimentos que levaram àquela *morte*.)

Para concluir este artigo, vejamos a *morte civil* de nossa Universidade Federal, e que está acontecendo neste ano de 1998. Em conseqüência do modelo econômico que o Governo de Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e professor universitário, está impingindo ao povo brasileiro, as Universidades Públicas, principalmente as do Norte, estão sofrendo uma drástica redução de recursos. Desse modo, programas relevantes para a formação de estudantes e de professores, sob a tutela da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES)*, foram ou serão cortados. No caso da UFPA, por exemplo, programas importantes como o *Plano Integrado de Capacitação Docente (PICD)*, que fornecia bolsas de estudos para estudantes recém-formados cursarem pós-graduação já integrados à Instituição, deixou de funcionar. O *Programa Especial de Treinamento (PET)*, que visa integrar o estudante na carreira de pesquisador-professor, está sendo ameaçado de ser cortado. Recursos adicionais para *Cursos de Especialização*, fundamentais para a reciclagem dos professores do Curso Médio, também foram cortados.

Acrescido a esses cortes de verbas adicionais, a UFPA ainda é vítima da política global do Brasil atual, como a redução substancial de bolsas de estudos para iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, e da política salarial oferecida aos funcionários públicos. (Como se não bastassem todas essas desgraças que estão

acontecendo com o Ensino Superior Público Brasileiro, há uma outra desgraça em curso, como a ameaça de reduzir o salário do funcionário público, caso o Congresso aprove o aumento de contribuição para a Previdência Pública, que vem no bojo do atual Pacote Fiscal.) Essa *morte civil* da UFPA, patrocinada por um Governo Civil, foi muito bem destacada pelo professor Cristovam Wanderley Picanço Diniz, atual Reitor de nossa Universidade, em recente artigo intitulado **A Morte da Curiosidade na Sala de Aula.**